



Pe. Daniel Nascimento | Assistente Nacional

## «JÁ NÃO SOIS ESTRANGEIROS NEM IMIGRANTES, MAS SOIS CONCIDADÃOS DOS SANTOS E MEMBROS DA CASA DE DEUS» (EF 2,19)

Há qualquer coisa de fascinante em viajar para o estrangeiro. Ouvir uma língua estranha; fazer a experiência de estar em climas e paisagens que não encontramos no nosso país; contactar culturas distintas, perceptíveis em pequenas coisas como o horário das refeições... Tudo isto representa, como sabemos, um enorme enriquecimento cultural. E se o podemos ir fazendo em vários âmbitos da nossa vida (escola, trabalho, etc.), torna-se particularmente importante fazê-lo enquanto escuteiros, participando em atividades internacionais, uma vez que fazemos parte de uma fraternidade mundial, como nos indica a Lei e a Promessa. De facto, as fronteiras e as identidades nacionais separam-nos e distinguem-nos, mas também nos fazem descobrir a imensa diversidade que dá cor ao nosso mundo (o que é como quem diz: o mundo seria um lugar muito mais aborrecido se fôssemos todos portugueses!).

Mas há uma forma especificamente cristã de olhar para a diversidade de línguas, cores, etnias e espaços, expressa de forma eloquente na citação acima da Carta de São Paulo aos Efésios: Jesus, Homem Novo, destruiu a inimizade entre os povos por meio da sua cruz. Desta forma, já não somos estrangeiros - ainda que tenhamos um passaporte

diferente -, mas concidadãos dos santos. O pensamento católico introduz-nos, portanto, numa outra dimensão "internacional": não só partilho uma mesma identidade humana e escutista com gente, digamos, da Nova Zelândia, mas também sou da mesma pátria que São Francisco ou São Paulo, porque «a nossa pátria está nos céus» (Fl 3,20)!

Um antigo texto anónimo do século II, uma pequena epístola intitulada «A Diogneto», desenvolve esta ideia. Aí se diz acerca dos cristãos: «Habitam pátrias próprias, mas como peregrinos: participam de tudo, como cidadãos, e tudo sofrem como estrangeiros. Toda a terra estrangeira é para eles uma pátria e toda a pátria uma terra estrangeira.» Como cristãos e como escuteiros, estas palavras ecoam verdades profundas, ainda que pareçam contraditórias: porque somos irmãos, estamos em casa em todo o lado, mas como não somos só da terra, nunca estamos plenamente em casa em lugar nenhum. Mais do que estrangeiros ou autóctones, somos peregrinos. Inquietos. Desassossegados. Questionados e perguntadores. Vivos e prontos a partilhar a nossa vida. Em suma, somos gente que se põe a caminho!

E para onde vamos? ■



Foto: Pedro Corte-Real Gonçalves